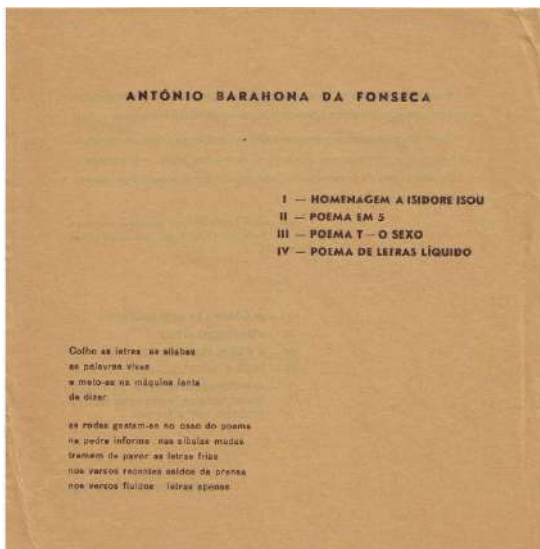


Acerca de um escândalo para muito parvo: o caso de *Concerto e Audição Pictórica*

Inês Cardoso (FLUP / ILC)

Catálogo da Exposição VISOPOEMAS (1965, Galeria Divulgação, Lisboa)

<<https://po-ex.net/exposicoes/exposicoes-colectivas/visopoemas/>>

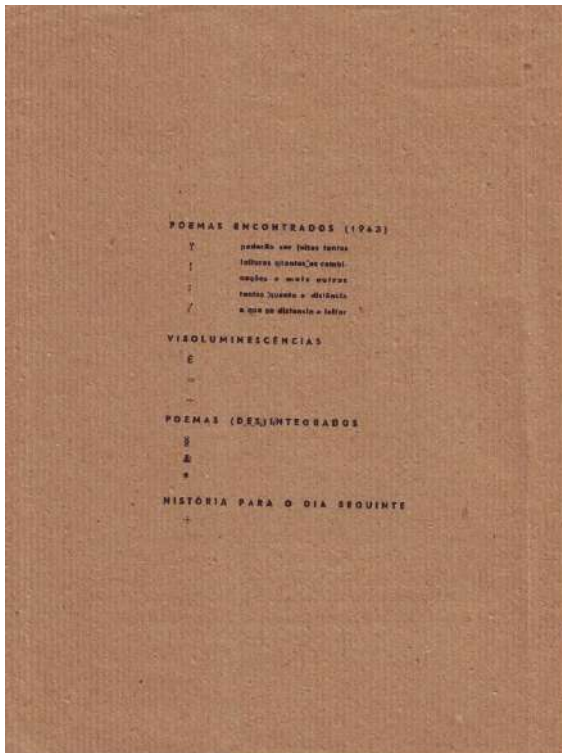


ANTÔNIO BARAHONA DA FONSECA

- I – HOMENAGEM A ISIDORE ISOU
- II – POEMA EM 5
- III – POEMA T – O SEXO
- IV – POEMA DE LETRAS LÍQUIDO

Colho as letras as sílabas
as palavras vivas
e meto-as na máquina lenta
de dizer

as rodas gastam-se no osso do poema
na pedra informe nas sílabas mudas
treme de pavor as letras frias
nos versos recentes saídos da prensa
nos versos fluidos letras apenas



ANTÔNIO ARAGÃO

POEMAS ENCONTRADOS (1963)

? poderão ser feitas tantas
! leituras quantas combi-
: nações e mais outras
/ tantas quanto a distância
a que de distancia o leitor

VISOLUMINESCÊNCIAS

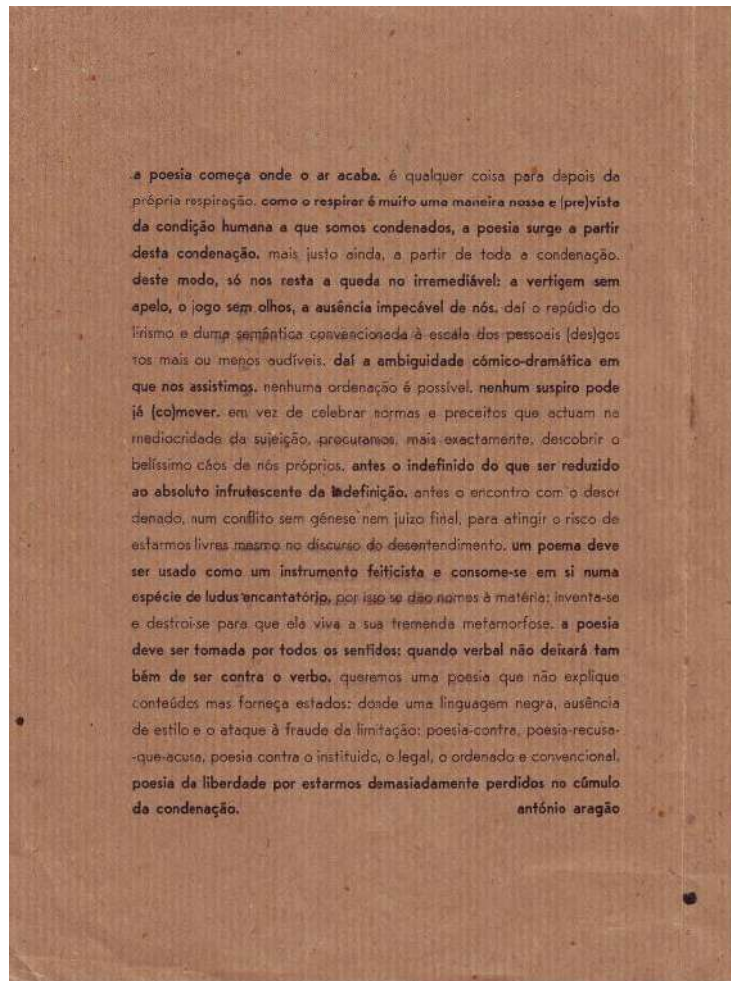
£
=
:

POEMAS (DES)INTEGRADOS

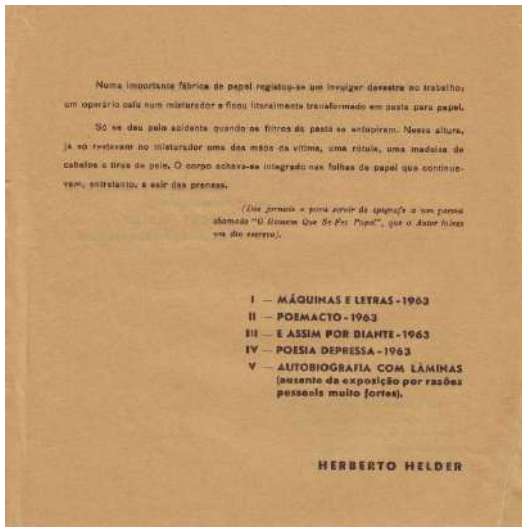
§
&
*

HISTÓRIA PARA O DIA
SEGUINTE

+



a poesia começa onde o ar acaba. é qualquer coisa para depois da própria respiração. como o respirar é muito uma maneira nossa e (pre)vista da condição humana a que somos condenados, a poesia surge a partir desta condenação. mais justo ainda, a partir de toda a condenação. deste modo, só nos resta a queda no irremediável: a vertigem sem apelo, o jogo sem olhos, a ausência impecável de nós. daí o repúdio do lirismo e duma semântica convencionalizada à escala dos pessoais (des)gos / tos mais ou menos audíveis. daí a ambiguidade cómico-dramática em que nos assistimos. nenhuma ordenação é possível. nenhum suspiro pode já (co)mover. em vez de celebrar normas e preceitos que actuam na mediocridade da sujeição, procuramos, mais exactamente, descobrir o bellissimo cáos de nós próprios. antes o indefinido do que ser reduzido ao absoluto infrutescente da indefinição. antes o encontro com o desordenado, num conflito sem génese nem juízo final, para atingir o risco de estarmos livres mesmo no discurso do desentendimento. um poema deve ser usado como um instrumento feiticista e consome-se em si numa espécie de ludus encantatório. por isso se dão nomes à matéria: inventa-se e destrói-se para que ela viva a sua tremenda metamorfose. a poesia deve ser tomada por todos os sentidos: quando verbal não deixará também de ser contra o verbo. queremos uma poesia que não explique conteúdos mas forneça estados: donde uma linguagem negra, ausência de estilo e o ataque à fraude da limitação: poesia-contra, poesia-recusa-que-acusa, poesia contra o instituído, o legal, o ordenado e convencional. poesia da liberdade por estarmos demasiadamente perdidos no cúmulo da condenação. antónio aragão

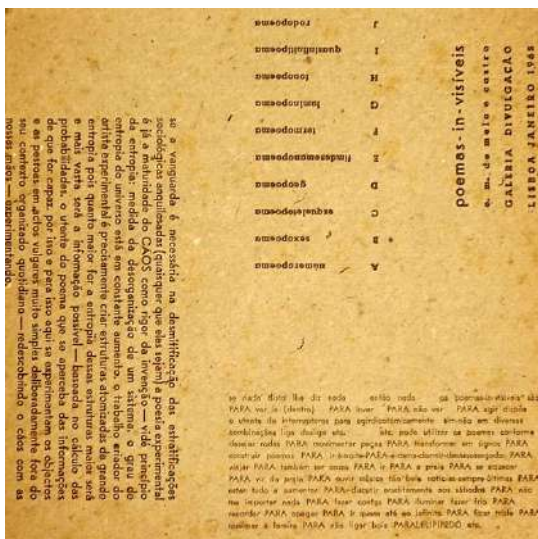


Numa fábrica de papel registou-se um invulgar desastre no trabalho: um operário caiu num misturador e ficou literalmente transformado em pasta para papel.

Só se deu pelo acidente quando os filtros da pasta se entupiram. Nessa altura, já só restavam no misturador uma das mãos da vítima, uma rótula, uma madeixa de cabelos e tiras de pele. O corpo achava-se integrado nas folhas de papel que continuavam, entretanto, a sair das prensas. (Dos jornais e para servir de epígrafe a um poema chamado «O Homem Que Se Fez Papel», que o Autor talvez um dia escreva).

- I – MÁQUINAS E LETRAS – 1963
- II – POEMACTO – 1963
- III – E ASSIM POR DIANTE – 1963
- IV – POESIA DEPRESSA – 1963
- V – AUTOBIOGRAFIA COM LÂMINAS (ausente da exposição por razões pessoais muito fortes).

HERBERTO HELDER



E. M. DE MELO E CASTRO

poemas-in-visíveis

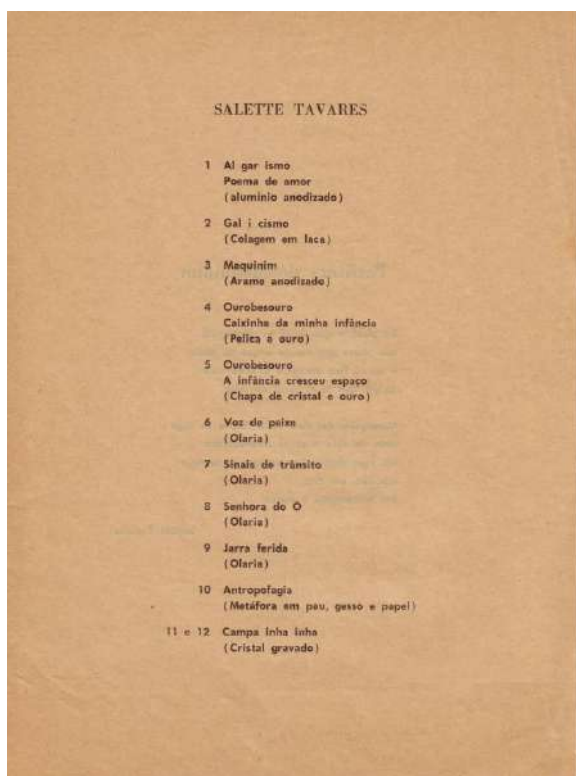
- A número-poema
- B sexopoema
- C esqueleto-poema
- D geopoema
- E fimdesemana-poema
- F termopoema
- G luminopoema
- H fonopoema
- I quasinfinito-poema
- J rodopoema

se nada disto lhe diz nada então nada os poemas-in-visíveis são PARA ver in (dentro) PARA inver PARA não ver PARA agir dispõe o utente de interruptores para agir dicotomicamente sim-não em diversas combinações liga desliga etc. etc. pode utilizar os poemas conforme desejar rodas PARA movimentar peças PARA transformar em signos PARA construir poemas PARA ir-à-noite-PARA-acama-dormir-desassossegado PARA viajar PARA também ser o osso PARA ir PARA a praia PARA se

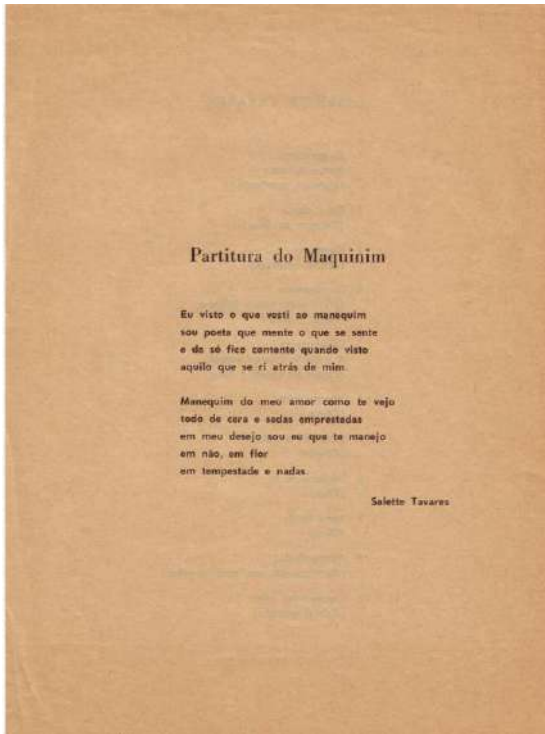
aquecer PARA vir da praia PARA ouvir música tão bela notícias-sempré-últimas PARA estar tudo a aumentar PARA discutir eruditamente aos sábados PARA não me importar nada PARA fazer contas PARA iluminar fazer frio PARA recordar PARA apagar PARA ir quase até ao infinito PARA ficar triste PARA queimar a lareira PARA não ligar boia PARALELIPÉDO etc.

se a vanguarda é necessária na desmitificação das estratificações sociológicas anquilosadas (quaisquer que eles sejam) a poesia experimental é já maturidade do CAOS como rigor da invenção – vidé princípio da entropia: medida da desorganização de um sistema. o grau de entropia do universo está em constante aumento. o trabalho criador do artista experimental é precisamente criar estruturas atomizadas de grande entropia pois quanto maior for a entropia dessas estruturas maior será e mais vasta será a informação possível – baseada no cálculo das probabilidades. o utente do poema que se aperceba das informações que for capaz. por isso e para isso aqui se experimentam os objectos e as pessoas em actos vulgares muito simples deliberadamente fora do seu contexto organizado quotidiano – redescobrimo o caos com as nossas mãos – experimentando.

SALETTE TAVARES



- 1 Al gar ismo
Poema de amor
(alumínio anodizado)
- 2 Gal i cismo
(Colagem em laca)
- 3 Maquinim
(Arame anodizado)
- 4 Ourobesouro
Caixinha da minha infância
(Pelica e ouro)
- 5 Ourobesouro
A infância cresceu espaço
(Chapa de cristal e ouro)
- 6 Voz de peixe
(Olaria)
- 7 Sinais de trânsito
(Olaria)
- 8 Senhora do Ó
(Olaria)
- 9 Jarra ferida
(Olaria)
- 10 Antropofagia
(Metáfora em pau, gesso e papel)
- 11 e 12 Campa inha inha
(Cristal gravado)



Partitura do Maquinim

Eu visto o que vesti ao manequim
sou poeta que mente o que se sente
e de só fico contente quando visto
aquilo que se ri atrás de mim.

Manequim do meu amor como te vejo
todo de cera e sedas emprestadas
em meu desejo sou eu que de manejo
em não, em flor
em tempestade e nadas






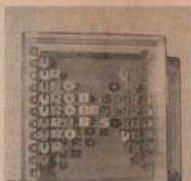
Salette Tavares

Suplemento do Jornal do Fundão, Poesia Experimental (24 de janeiro de 1965)

<<https://po-ex.net/exposicoes/exposicoes-colectivas/visopoemas/>>

exposição visopoemas

galeria divulgação
algumas reproduções



- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

1 — Salette Tavares
2 — E. M. de Melo e Castro
3 — António Aragão
4 — Herberto Helder
5 — E. M. de Melo e Castro
6 — António Aragão

NOTA

Realizou-se com princípio no dia 2 de Janeiro deste ano, na Galeria Divulgação, em Lisboa, a anunciada exposição de VISOPOEMAS. Expuseram E. M. de Melo e Castro, Salette Tavares, Herberto Helder, António Aragão e António Barahona da Fonseca. Tratava-se de poemas para ver: poemas visivos ou pintura-poemas. Sendo poemas, viveram como objectos plásticos sobretudo devido à sua matéria e polarização. Conquanto objectos plásticos, mergulharam no campo da poesia rompendo com a fronteira que extrema estas duas posições. E. M. de Melo e Castro além do «quaseinfinitopoema» expôs uma série de «poemas-in-visíveis»; Herberto Helder apresentou poemas-colagens; Salette Tavares, além das olarias, expôs objectos em cristal, alumínio, pelica e colagem; António Barahona da Fonseca realizou gráfico-poemas; António Aragão apresentou poemas encontrados, visoluminescências e poemas (des)integrados.

E. M. de Melo e Castro além do «quaseinfinitopoema» expôs uma série de «poemas-in-visíveis»;

Herberto Helder apresentou poemas-colagens;

Salette Tavares, além das olarias, expôs objectos em cristal, alumínio, pelica e colagem;

António Barahona da Fonseca realizou gráfico-poemas;

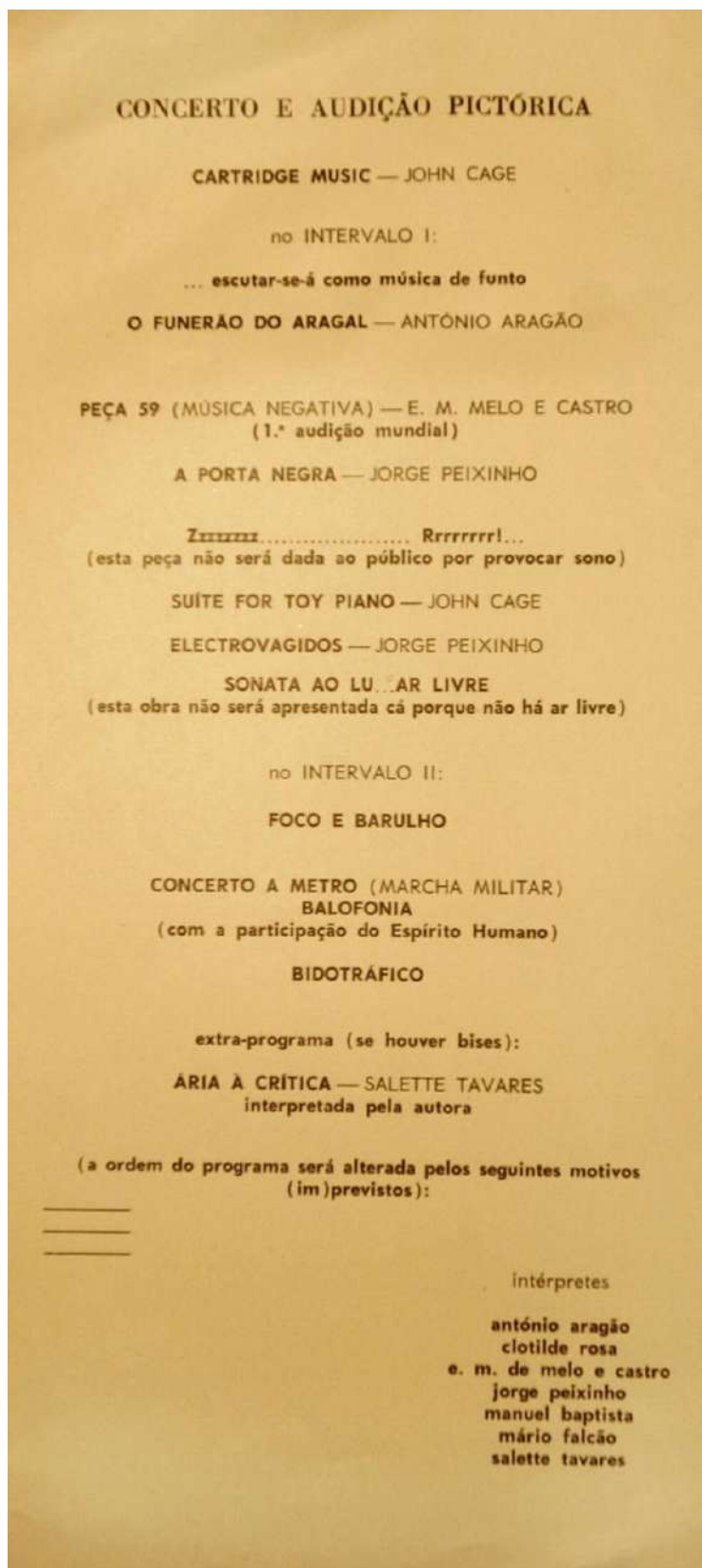
António Aragão apresentou poemas encontrados, visoluminescências e poemas (des)integrados.

NOTA

Realizou-se com princípio no dia 2 de Janeiro deste ano, na Galeria Divulgação, em Lisboa, a anunciada exposição de VISOPOEMAS. Expuseram E. M. de Melo e Castro, Salette Tavares, Herberto Helder, António Aragão e António Barahona da Fonseca. Tratava-se de poemas para ver: poemas visivos ou pintura-poemas. Sendo poemas, viveram como objectos plásticos sobretudo devido à sua matéria e polarização. Conquanto objectos plásticos, mergulharam no campo da poesia rompendo com a fronteira que extrema estas duas posições. E. M. de Melo e Castro além do «quaseinfinitopoema» expôs uma série de «poemas-in-visíveis»; Herberto Helder apresentou poemas-colagens; Salette Tavares, além das olarias, expôs objectos em cristal, alumínio, pelica e colagem; António Barahona da Fonseca realizou gráfico-poemas; António Aragão apresentou poemas encontrados, visoluminescências e poemas (des)integrados.

**Programa de “Concerto e Audição Pictórica” (Exposição VISOPOEMAS, 1965,
Galeria Divulgação, Lisboa)**

<<https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/performativas/concerto-e-audicao-pictorica/>>



CONCERTO E AUDIÇÃO PICTÓRICA

CARTRIDGE MUSIC — JOHN CAGE

no INTERVALO I:

... escutar-se-á como música de funto

O FUNERÃO DO ARAGAL — ANTÓNIO ARAGÃO

PEÇA 59 (MÚSICA NEGATIVA) — E. M. MELO E CASTRO
(1.ª audição mundial)

A PORTA NEGRA — JORGE PEIXINHO

Zzzzzzz..... Rrrrrrr!...
(esta peça não será dada ao público por provocar sono)

SUÍTE FOR TOY PIANO — JOHN CAGE

ELECTROVAGIDOS — JORGE PEIXINHO

SONATA AO LU...AR LIVRE
(esta obra não será apresentada cá porque não há ar livre)

no INTERVALO II:

FOCO E BARULHO

CONCERTO A METRO (MARCHA MILITAR)
BALOFONIA
(com a participação do Espírito Humano)

BIDOTRÁFICO

extra-programa (se houver bis):

ÁRIA A CRÍTICA — SALETTE TAVARES
interpretada pela autora

(a ordem do programa será alterada pelos seguintes motivos
(im)previstos):

Intérpretes

antónio aragão
clotilde rosa
e. m. de melo e castro
jorge peixinho
manuel baptista
mário falcão
salette tavares

“Peça 59 (Música Negativa)” de E. M. de Melo e Castro

<<https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/performativas/concerto-e-audicao-pictorica/>>

■ - percutir no ar ou procurar uns olhos em plena rua
▲ - agitar no ar ou estar definitivamente só
● - percutir pousado ou a inquietação

A
B
C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13

14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41

42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55

56 57 58 59

peça 59 música negativa ou poema
- segundo esta pauta foi apresentada em lisboa - concerto e audição pictórica de 7/1/65 - a música negativa : então A B C eram 3 instrumentos de percussão. Agora, no poema, que deve ser lido segundo o valor morfosemântico dos sinais indicados, A B C podem ser 3 caminhos de procura .

Transcrição:

[antes da pauta]

[sinal quadrado] – percutir no ar ou procurar uns olhos em plena rua

[sinal triângulo] – agitar no ar ou estar definitivamente só

[sinal círculo] – percutir pousado ou a inquietação

[depois da pauta] — segundo esta pauta foi apresentada em lisboa – concerto e audição pictórica de 7/1/65 – a música negativa : então A B C eram 3 instrumentos de percussão. Agora, no poema, que deve ser lido segundo o valor morfosemântico dos sinais indicados, A B C podem ser 3 caminhos de procura.

Transcrição do manuscrito de “Ária à Crítica” de Salette Tavares

Original disponível em: <<https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/performativas/conceito-e-audicao-pictorica/>>

ó Ó Oh!

cricricri

cri cricri cricri

óó cri

óó óó cri ticri cricri

criticri ticri criti

criticri criticri ticriti

Oh!

criti... criti... criti... criti... criti...

criti... criti... criti... óóóóóó criti...

criti... Criti criti criti (intervenção sonora)

CRITI CUS

(Lírica)

Da nó da nó da nossa terra

Oh! das cátedras nos jornais

ou noutros muitos sítios onde instalados

com grande espaço para o dito traseiro

surrealisticamente amputados

am putados

am putados

(intervenção sonora) da parte superior do

corpo por uma secção paralela ao nível

do assento

para lela

para lela

pa ra lela ao nível do assento e

que passa com a inclinação vulgar que

têm as cómodas instalações em relação à horizontal,

por cima das sobrancelhas mutilando o ouvido interno
até à base que as vértebras cervicais estabelecem
nesse cimo mais cimo mas deixando-vos
as orelhas (o pavilhão)
o pa vi lhão completamente à solta bem como o recheio das órbitas intocadas
Ó cricri ti cus
nós servimo-vos há muitos anos
a simplíssima consciência de um ofício agora
que o peso dos anos antes que [viveis]
transformou em enormes ratoeiras
nascidas de pequeníssimas rasteiras.
Os nossos espelhos são logicamente cegos
sem metáfora
devolvem a imagem
os sonetos patetas são patéticos como o João pateta da história
os adjectivos são substantivos ou vice versa e reversa
porque construímos a gramática
as virgulas inúteis já não separam substâncias que sempre se usaram separadas
pomos intervalos nas linhas, pausas sem sinai[s]
impostas na estrutura caminho
que o trânsito dos olhos exigiu
na variedade crescente da hora e dos sentidos novos
Invenção de espaço
ritmos e antiritmos
as palavras inteiras
as palavras cortadas em bocados inteiros
as palavras cortadas que não suportam os vossos
erros de ortografia quando suprimis o espaço
que assim as partiu e recriou
ó irresponsáveis e ignorantes,
que a toda a hora usais a linguagem culinária
das formas e conteúdos

(para não dizermos tudo).

Nós servimo-vos pasteis de massa tenra

com recheio e

pela vossa preguiça não désteis pelo recheio tão intensamente exigido.

O nosso recheio pede só as faculdades normais

dos sentidos todos a trabalharem e

sobretudo um sobretudo bem talhado

à moda, que muda em cada hora no sentido crescente do espírito que se actualiza e

acrescenta na medida em que sabe consumir.

Mas vós preferis pasteis de massa tenra

comidos com garfo e faca, talhados com

a antiquíssima fôrma do hábito

e heis-vos

cri cri cri ti cus

(silabado rápido)

cricriti cus (intervenção exterior: da Ca[fetaria])

cricriti cus da nó ssaté rra

guardai as vossas cátedras nos jornais

ou nos outros muitos sítios onde instalados

com grande espaço para o dito traseiro

podeis continuar surrealisticamente amputados

da parte superior do corpo pela secção paralela

ao nível do assen[to]

e que passa com a inclinação vulgar das cómodas instalações em relação à horizontal

por cima das sobrelhas mutilando o

ouvido interno até à base que as vértebras cervicais estabelecem nesse cimo

deixando-vos as orelhas, o pavilhão,

completamente à solta

bem como o recheio das órbitas intocadas

óó óó-óó cricri cricri ti cus.

Depoimentos:

“O happening é pois uma forma activa de contestação das forças que contrariam e evitam que os homens e as mulheres usufruam plenamente da vida que têm e que é só de cada um. Usufruir, isto é, participar, comunicar, desenvolver-se, conhecer-se e conhecer os outros.”

E. M. de Melo e Castro, “Dois Acontecidos happenings”, in *In-novar*, 1977, p. 62

“e mais ainda: que alguns espectadores anónimos (...), a certa altura do espectáculo, invadiram a cena e passaram a colaborar activamente connosco. E isto foi aceite com alegria, por nossa parte; não perturbou minimamente o concerto, antes o enriqueceu. E porquê? Porque a partir desse momento nós verificámos que a adesão espiritual, a comunicação mágica entre actor e fruidor se havia estabelecido inteligentemente.”

Jorge Peixinho, “Resposta a Manuel de Lima”, in *Jornal de Letras e Artes*, Ano IV – nº 176, p. 5 e 12.

“Durante a exposição na Divulgação fizemos um espectáculo, escândalo para muito parvo, com a excelente colaboração de Jorge Peixinho, Mário Falcão, Manuel Batista e outros artistas. Fraco o primeiro número por defeito do texto ou da falta de tempo para a colectivização da acção a outro nível. Mas excelente tudo o resto. A partitura do silêncio de Melo e Castro, Foco e barulho em que tivemos o prazer de surpreender o público em flagrante hipnotismo. A minha ODE À CRÍTICA, ainda inédita, foi dita como quem canta um lied encostada a um piano de cauda, e maravilhosamente acompanhada a bombo com o extraordinário humor de Mário Falcão.”

Salette Tavares, “Carta de Salette Tavares para Ana Hatherly”, in *Poesia Gráfica*, 1975, p. 19.

“A minha participação, chamada MÚSICA NEGATIVA, consistiu na interpretação ritualizada gestualmente, de uma partitura especialmente criada, usando três grandes chocalhos metálicos, sem os respectivos badalos que, portanto, não emitiam som algum. Essa execução durou cerca de 3 minutos. (...) A metáfora do silêncio era polissêmica e facilmente apreensível... no sufoco que nessa época se vivia em Portugal.

FOCO E BARULHO consistiu em escurecer a sala para depois acender inesperadamente um foco de 1000 watts, voltando-o para a assistência, durante cerca de 30 segundos. Então apaguei o foco e começou um enorme barulho feito simultaneamente por todos os instrumentos ali existentes, o qual durou 15 segundos. O efeito sobre a assistência foi devastador pois a simbologia era evidente... Tudo durou pouco mais de 1 minuto, voltando depois a sala à luz normal.”

E. M. de Melo e Castro, “Depoimento a Sandra Guerreiro Dias”, in *Arquivo Digital da PO-EX*, 2014.

“O Funerão do Aragal foi um momento de absoluto humor absurdo... Ao redor de uma mesa que foi trazida já posta, com pratos de comida, sentamo-nos e começamos a comer ruidosamente, mastigando e batendo com os talheres nos pratos... ao lado da mesa foi colocado um caixão de pinho onde o Aragão se deitou. Então todos nos levantamos um a um e despejamos os restos de comida dos pratos por cima do corpo do Aragão. Seguidamente levantamos o caixão e saímos lentamente da cena enquanto se ouviam acordes da marcha fúnebre do costume. O simbolismo era evidente tendo em atenção os mortos das guerras nas colónias de África...”

E. M. de Melo e Castro, “António António Aragão Aragão”, in *Cibertexualidades*, nº 7, 2015, p. 132.

Referências (depoimentos e receção crítica):

HATHERLY, Ana (1965), “Uma manifestação de Neodadaísmo”, in *PO.EX: Textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa*, Lisboa, Moraes Editores, 1981, p. 46-48. <<https://po-ex.net/taxonomia/transtexualidades/metatexualidades-autografas/ana-hatherly-uma-manifestacao-de-neodadaismo/>>

HATHERLY, Ana (1995), “Salette Tavares e a Poesia Experimental”, in *Poesia Gráfica*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, p. 11-15. <<https://po-ex.net/taxonomia/transtexualidades/metatexualidades-alografas/ana-hatherly-salette-tavares-e-a-poesia-experimental/>>

LIMA, Manuel de (1965), “‘Concerto e audição pictórica’ sob a orientação de Jorge Peixinho na Galeria Divulgação”, in *Jornal de Letras e Artes*, Ano IV – nº 173, p. 111. <<https://po-ex.net/taxonomia/transtexualidades/metatexualidades-alografas/manuel-de-lima-concerto-e-audicao-pictorica-sob-a-orientacao-de-jorge-peixinho-na-galeria-divulgacao/>>

LIMA, Manuel de (1965), “Quando os Andróides de Cage renegam o dono”, in *Jornal de Letras e Artes*, Ano IV – nº 176, p. 5, 12 e 14. <<https://po-ex.net/taxonomia/transtexualidades/metatexualidades-alografas/manuel-de-lima-quando-os-androides-de-cage-renegam-o-dono/>>

MELO E CASTRO, E. M. de (1977), “Dois acontecidos happenings”, in *In-novar*, Lisboa, Plátano Editora, p. 59-65.

MELO E CASTRO, E. M. de (2014), “Depoimento a Sandra Guerreiro Dias”, in *Arquivo Digital da PO-EX*. <<https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/performativas/concerto-e-audicao-pictorica/>>

MELO E CASTRO, E. M. de (2015), “António António Aragão Aragão”, *Cibertexualidades*, nº 7, Porto, Edições da Universidade Fernando Pessoa, p. 127-134. <https://po-ex.net/pdfs/cibertexualidades7_127-134.pdf>

PEIXINHO, Jorge (1965), “Resposta a Manuel de Lima”, in *Jornal de Letras e Artes*, Ano IV – nº 176, p. 5 e 12. <<https://po-ex.net/taxonomia/transtexualidades/metatexualidades-alografas/jorge-peixinho-resposta-a-manuel-de-lima/>>

SARAIVA, Arnaldo (1966), “Um novo ‘espectáculo’: happening”, in *Jornal de Letras e Artes*, Ano V – nº 247, p. 1-3. <<https://po-ex.net/taxonomia/transtexualidades/metatexualidades-alografas/arnaldo-saraiva-um-novo-espectaculo-happening/>>

TAVARES, Salette (1975), “Carta de Salette Tavares para Ana Hatherly”, in *Poesia Gráfica*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, 1995, p. 16-19. <<https://po-ex.net/taxonomia/transtexualidades/metatexualidades-autografas/carta-de-salette-tavares-para-ana-hatherly/>>